

**PROCURA-SE ANITA**

Marisa LAJOLO \*

**Resumo:** O ponto de partida do texto é a descoberta, na Biblioteca do Museu Frida Kahlo, no México, de um exemplar da *Geografia de Dona Benta*, de Monteiro Lobato, em sua segunda edição, com uma dedicatória do autor para uma misteriosa Anita. Uma vez encontrado o livro, restava saber quem era Anita, para tentar entender como o livro chegara àquela biblioteca. O texto relata o percurso dessa investigação.

**Palavras-chave:** Monteiro Lobato, Frida Kahlo, *Geografia de Dona Benta*

**LOOKING FOR ANITA**

**Abstract:** The text starting point is the finding, at the library of Frida Kahlo Museum, in Mexico, of a copy of *Geografia de Dona Benta*, by Monteiro Lobato, in its second edition, with the author's dedication to a certain Anita. The copy being found, the next step was to know who that Anita was, to find out how the book had come to that library. The text tells the course of such investigation.

**Key words:** Monteiro Lobato, Frida Kahlo, *Geografia de Dona Benta*

**O início de uma história**

Na cidade do México, em meio aos zelosamente guardados documentos que integram o acervo do Museu Frida Kahlo <sup>1</sup>, sob o código 02137 encontra-se o livro *Geografia de Dona Benta* de Monteiro Lobato<sup>2</sup>. O volume tem uma tão sugestiva quanto misteriosa dedicatória, do punho do próprio autor: *Para Anita a minha grande fé. Monteiro Lobato*. E, na linha de baixo, seguindo-se à assinatura do escritor, a indicação do ano, grafado como em grande parte da correspondência lobatiana: 940.

---

\* Marisa Lajolo – Professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie e Professora Voluntária na Unicamp. Pesquisadora do CNPq - São Paulo/SP – Brasil. E-mail: marisal@uol.com.br



### O livro

O volume, que há mais ou menos cinco anos foi entrevistado por meus incrédulos olhos no interior de belas estantes rosa-choque da Biblioteca de Frida Kahlo, tem uma encadernação muito bonita. Cartonado, na lombada verde, que se prolonga alguns centímetros na primeira e na quarta capas, lê-se (em dourado) o nome do autor e da obra, separados um do outro por um delicado grafismo em ouro. Papel marmorizado bastante desbotado recobre a capa.

O miolo amarelado do livro não sugere muito manuseio, embora, nas páginas relativas ao México (pags. 92-97), algumas ( muito poucas) manchas sugiram se não leitura, pelo menos manuseio.



Geografia de Dona Benta<sup>3</sup> é contemporânea da produção dos livros de Monteiro Lobato que podem ser considerados *pedagógicos*<sup>4</sup>, tão de perto seus títulos e conteúdos dialogam com o mundo da escola. Impresso sempre pela São Paulo Editora e publicado pela primeira vez em 1935, teve várias re-edições antes da publicação da *Obra completa* (1947) pela Editora Brasiliense. Documentação da Companhia Editora Nacional<sup>5</sup> informa sobre a carreira inicial da obra:

ANO	EDIÇÃO		EDITORA	TIRAGEM
1935	1ª. Ed.	<u>Geografia de Dona Benta</u>	Cia Editora Nacional	15.000
1939	2ª. Ed.	<u>Geografia de Dona Benta</u>	Cia Editora Nacional	6.072
1942	3ª. Ed.	<u>Geografia de Dona Benta</u>	Cia Editora Nacional	7.085
1944	4 e 5ª edições	<u>Geografia de Dona Benta</u>	Cia Editora Nacional	10.090
1947	Obra completa	<u>Geografia de Dona Benta</u>	Editora Brasiliense	

O livro é inspirado em Geography: the story of the world we live in de Van Loon<sup>6</sup>, autor que também *inspirara* a Histórias das invenções<sup>7</sup> título lançado por Monteiro Lobato no mesmo ano de 1935.

Como outros livros abertamente didatizantes de Lobato, a estrutura de Geografia de Dona Benta inscreve o discurso informativo num cenário extremamente

*ativo*: valendo-se do *faz-de-conta*, as crianças  *fingem* estar na lua observando a terra através de um telescópio e  *fingem* depois estar viajando ao redor do mundo. Desta forma, os conhecimentos que adquirem – e que por tabela o leitor adquire também - perdem um pouco o caráter *livresco*, formatados que são em atividades, viagens, discussões e brincadeiras, ainda que *faz-de-conta*. A *pedagogia* que estes livros adotam combina muito bem com as idéias da *escola nova*, em discussão na época, e defendidas por Anísio Teixeira, amigo de Lobato e às quais este último parece converter-se com entusiasmo<sup>8</sup>.

Voltando à Geografia de Dona Benta, a viagem de navio que as personagens do Sítio fazem inicia-se pelo litoral do Rio Grande do Sul, contorna a costa brasileira e, seguindo sempre para o norte, chega ao México, país para o qual Dona Benta não poupa elogios:

“... águas do Atlântico que banham as costas do México, a nação mais interessante de toda a fieira de nações plantadas pelos latinos na América” (p. 93)

“O México é uma terra que não se confunde com nenhuma outra. Em tudo põe a sua marca – ou revela sua individualidade, como se diz em língua técnica. Tem uma arte toda sua, pintura sua, música sua, cerâmica sua, arquitetura sua, costumes só seus” ( 94)

O texto de Lobato detém-se, a seguir, em passagens bastante conhecidas da história mexicana, sublinhando a coragem do povo, que lutou com bravura contra espanhóis, franceses e norte-americanos. Tanto a expulsão do duque Maximiliano quanto o episódio de anexação de largas faixas do território mexicano ao território norte-americano são exemplos de que Dona Benta se vale para ilustrar o que ela define como caráter simultaneamente trágico e heróico da história mexicana.

O livro de Monteiro Lobato é generoso com a terra que acolhe o desgarrado exemplar de sua Geografia. Nesse mesmo sentido, vale a pena observar que os livros mais *escolares* de Lobato – como já se viu, inicialmente lançados na década de 30 – rompem com a perspectiva eurocêntrica. Em História do mundo para crianças<sup>9</sup>, obra assumidamente inspirada em Child's history of the world de V.M.Hillier<sup>10</sup>. Dona Benta, relatando a história do México, oferece uma visão bem pouco edificante das conquistas e dos conquistadores europeus, rompendo com o tom laudatório em que às vezes até hoje é narrado o ciclo de descobertas de Portugal e de Espanha.

(...) Cortez aprisionou Montezuma – e a luta recomeçou terrível. O rei foi morto afinal, e o México dominado, porque os pobres Aztecas não puderam resistir à violência das armas de fogo, manejadas por homens ferocíssimos. E começou o saque. Tudo quanto era ouro ou de valor foi remetido para a Espanha. Era assim que aqueles homens espalhavam a religião de Cristo (238)

Mataram a vontade, destruíram tudo e levaram todo o ouro que havia. Outro espanhol, de nome Pizarro, fez no Peru coisa idêntica com os Incas, um povo de civilização muito adiantada que lá existia. ( 238)

Face à indignação geral das crianças com a violência contra os nativos da America, Dona Benta conclui:

Tais gloriosos conquistadores não passavam de insignes piratas de audácia igual à daqueles normandos que invadiram a França e a Inglaterra. O pretexto era a necessidade de introduzir no Mundo Novo a religião de Cristo – do meigo e infinitamente bom Jesus. Foram infames até nisso, de esconderem a insaciável cobiça sob o nome do homem tão sublimemente bom que até virou deus. O sarraceno pregava o Corão com a espada em punho. O cristão pregava a Bíblia com o arcabuz engatilhado. O diabo decida entre ambos ... e os tenha a todos no maior dos seus caldeirões. ( 239)

Se na década de 30 a voz de Lobato já manifesta consciência da diferença que opõe o que hoje se chama *história dos vencidos* a uma *história oficial dos vencedores*, tal consciência se intensifica e parece resultar no projeto (irrealizado) de contar a história da América pela boca do Aconcágua<sup>11</sup>.

Voltando, porém, à Geografia de Dona Benta, páginas à frente, o narrador do livro resume o quadro geral que traça do México, e nele introduz o tema *petróleo*:

“Dona Benta contou mil coisas do México, e descreveu a Cidade do México, sua capital rica de monumentos históricos. Depois falou de Tampico, perto da qual se descobriram os primeiros poços de petróleo mexicano” (97)

A menção ao petróleo mexicano neste livro dedicado à geografia universal pode estabelecer diálogo com obras posteriores de Monteiro Lobato dedicadas à questão do petróleo no Brasil, por exemplo O escândalo do Petróleo depoimentos

apresentados à Comissão de Inquérito sobre Petróleo ( 1936) ou O poço do Visconde Geologia para crianças, publicado no ano seguinte, (1937)<sup>12</sup>, ambos os títulos lançados pela Cia Editora Nacional.

Enquanto um cotejo entre primeiras e sucessivas edições de todos estes títulos – e não apenas em suas edições brasileiras mas também nas edições argentinas – não esclarece esta hipotética intertextualidade, voltemos ao exemplar do museu mexicano, aberto agora em sua folha de rosto, onde cresce o mistério e o fascínio da singela dedicatória do livro: *Para Anita a minha grande fé. Monteiro Lobato*.

### **No encaixe de enigmas**

Alguns desencontros ao longo das marchas e contra-marchas através das quais esta Geografia de Dona Benta chegou às mãos e aos olhos de minha pessoa abrem novas interrogações no mosaico de perguntas que circundam o livro e sua presença na biblioteca mexicana.

A lista de livros da biblioteca de Frida Khalo fornecida pelos responsáveis pelo Museu registra o livro como “Geografía de Doña Beñita” título do qual até agora não há evidência de que tivesse sido publicado, não obstante ser um título possível e até sugestivo como tradução literal do vernáculo Geografia de Dona Benta.

O que as bibliografias de Lobato em espanhol registram como tradução de Geografia de Dona Benta é o título Geografía para los niños<sup>13</sup>. De qualquer forma, o espanhol do título registrado na lista, criou a expectativa de que se tratasse de uma outra edição da obra. No entanto, a obra a que se teve acesso foi uma prosaica segunda edição (revista pelo autor) da *Geografía de Dona Benta* lançada pela Editora Brasiliense. Mas ... o mundo dos livros é tão cheio de mistérios que talvez nem uma varredura completa da biblioteca de Frida Khalo resolva a questão, pois não deixa de ser curioso que quem organizou a listagem dos livros tenha *espontânea* e *inconscientemente* traduzido (indevidamente) o título para o espanhol ...

Curioso, mas não impossível.

Evidentemente, no entanto, a pergunta maior é: *Quem foi Anita?*

Quem seria esta mulher, cujo nome cruzou meio continente? Não é admirável que mais de meio século depois de ter recebido um livro de Monteiro Lobato, seu nome aguarde, no belo bairro mexicano de Coyoacan, que se decifre sua identidade? E, independentemente da identidade desta misteriosa Anita, como se deve ler a

expressão da dedicatória *a minha grande fé*? Anita era a fé de Lobato, ou o livro é que o era? Dessa perspectiva, a história dos livros – particularmente a de *certos* livros – torna-se quase uma novela de suspense, como Umberto Eco (*O nome da rosa*) e Dan Brown (*O código Da Vinci*) tão admiravelmente souberam tecer.

Uma primeira e instigante hipótese – apesar de ousada – foi de que se tratasse de nada menos do que Anita Malfatti (1889-1964).

A hipótese era tentadora pelo que contribuiria para iluminar nuances da sociabilidade vigente entre diferentes facções de intelectuais contemporâneos do Modernismo paulista de 22. Anita Malfatti foi a pintora brasileira cuja exposição de 1917 recebeu duras críticas de Monteiro Lobato, o que a transformou numa espécie de mártir que sobreviveu ao martírio, cujo quase-cadáver os modernistas e seus acólitos contemporâneos brandem incansavelmente como argumento da anti-modernidade, *ergo*, do *pré-modernismo* de Monteiro Lobato:

*Lobato sentiria a vida toda, em nome do bom senso e da razão, (como se fora um velho acadêmico), total repulsa pelos “ismos” que definiram as grandes aventuras e as grandes conquistas da arte novecentista: futurismo, cubismo, expressionismo, surrealismo, abstracionismo.*<sup>14</sup>

*O fato cultural mais importante antes da Semana (...) foi a exposição de Anita Malfatti, em dezembro de 1917. Quem lhe deu, paradoxalmente certo relevo foi Monteiro Lobato que a criticou de modo injusto e virulento em um artigo intitulado “Paranóia ou mistificação”<sup>15</sup>.*

Num parêntesis da história desta viajada *Geografia de Dona Benta* – aponte-se que muito embora *Um Jeca nos Vernissages* de Tadeu Chiarelli<sup>16</sup> discuta de forma independente e vigorosa – no contexto da pintura paulista da época – o *auto-de-fé* a que a historiografia canônica do modernismo submete Monteiro Lobato, a questão ainda estremece corações. Daí a travessa hipótese de Lobato oferecer livros *de fé* a Anita Malfatti, o que poderia redimensionar o relacionamento Lobato – Malfatti, relacionamento aliás já redimensionado em outros trabalhos.

Talvez já se tenha iniciado uma benvinda rediscussão das relações de Monteiro Lobato com Anita Malfatti a propósito de questões à primeira vista não tributárias de crenças estéticas. Estudo sobre a “Monteiro Lobato & Cia”<sup>17</sup> mostra que em 1922, então à frente da editora que lhe leva o nome, Monteiro Lobato encomenda a Anita Malfatti capa para dois livros que lança: *O homem e a morte*, de Menotti Del

Picchia e Os condenados (A trilogia do exílio) de Oswald de Andrade. O gesto é forte: mostra um Lobato perfeitamente capaz de *patrocinar* Malfatti, lançando livros nos quais o estilo da pintora parecia adequar-se ao conteúdo, o que sugere que a relação entre ambos tenha ficado bem menos azeda do que aponta a história literária mais canônica.

Mas ainda que a encomenda de capas ateste uma relação comercial entre a pintora e o escritor-editor, a hipótese de ser a pintora brasileira a proprietária do livro que foi parar no México exigiria outras pesquisas. Seria necessário, por exemplo, investigar se a relação Lobato /Malfatti se teria mantido até os anos 40. Teria? Teria Anita, em sua estante de leitura, outros livros do escritor que, a julgar pelos biógrafos da pintora seria responsável por uma grave crise de *criatividade* da artista? Anita Malfatti teria visitado o México, conhecido Frida Kahlo ou Diego Rivera? Isto é: se a Anita da dedicatória fosse efetivamente a Anita Malfatti, teria sido por suas mãos que o livro teria chegado as mãos e as estantes de Frida Khalo?

Mas antes que houvesse chance de se iniciarem as pesquisas da *hipótese Malfatti*, surgiram outras Anitas, também candidatas à posição de proprietárias originais do volume 02137 da Biblioteca de Frida Khalo. Entre elas, Anita Brenner, trazida à cena pelas mãos da Dra. Cilza Bignotto.

Nascida em 1905 em Aguascalientes no México, esta Anita foi pesquisadora de arte, escritora de obras infantis e figura polemicamente envolvida no episódio do asilo concedido pelo México a Leon Trotsky. Como Anita Brenner vivia em Nova York ao tempo em que Lobato também lá morava, a hipótese desta Anita ser a Anita do livro também entrou em pauta.

Mas ...

### **Finalmente Anita, a verdadeira**

...há sempre um *mas* na vida de pesquisadores às voltas com manuscritos.

A resposta a um singelo pedido de auxílio enviado por E-mail a um grupo de lobatianos dispersou de vez a multidão de anitas candidatas à posição de proprietárias originais do livro que hoje se encontra na Casa de Frida Khalo. Entre os destinatários, o Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Mehy, professor titular de história na Universidade

de São Paulo, cidadão taubateano e profundo conhecedor da vida e da obra de Monteiro Lobato.

As poucas linhas do *E-mail* bastaram para que o Prof. Sebe desencavasse da memória o episódio da presença, em Taubaté, de telas de Diego Rivera, que lá teriam ido parar pelas mãos de Anita Antunes, amiga de Diego Rivera. Foi a partir desta informação quase fortuita, que o enigma da Geografia de Dona Benta em terras mexicanas começou a encaminhar-se para decifração.

Fora de cena as demais *anitas*, permanecia no palco da pesquisa como protagonista absoluta Anita Antunes. Com a colaboração de outros pesquisadores estabeleceram-se as pontes que faltavam para relacionar Anita Antunes, Monteiro Lobato e Diego Rivera.

No acervo do Centro de Documentação Alexandre Eulálio (CEDAE) do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp, o Dr. Emerson Tin – que em seu doutorado trabalhou com a correspondência lobatiana<sup>18</sup> – desencavou uma carta (MLb 3.3.00491 cx 10) – até hoje inédita – que estabelece, ao que tudo indica, definitivamente, a relação entre Anita Antunes e Monteiro Lobato:

351, Central Avenue,  
Hachensack (New Jersey):  
7 de Janeiro de 1946.

Meu caro Jurandy:

Recebi carta de “seu” Lobato, que me deu a notícia de que a sua segunda exposição se cobriu de êxito, tal como era mesmo de esperar por todos que viram seus trabalhos, inclusive este seu amigo e leigo em pintura, porém que diante dos seus quadros sentiu a sua pujança no pincel. Eu agora espero que você entre a trabalhar para agradar ao americano e venha cá com uns 30 batutas daqueles! Abafe a banca aqui e já pode ir trabalhar na maciota... talvez na borda do Pacífico, com “seu” Lobato, já mais forte, meio esquecido do céu, com quem anda de namoro, it seems...

Pois é, depois de 20 anos na hoje bem depreciada 138 street, arribamos a estas praias “centrais” de Jersey, terra famosa por suas vacas e políticos safados... Mas a cidade aqui é daquele feitio que você conhece, bem espaçada, bem arborizada, e até parece um parque. O Lobato mostrar-lhe-á a fotografia do cottage. Custou-nos 9.000, mas com os arranjos que se fazem aqui, ficamos a pagar o restante à maneira de aluguel e mais barato que o outkeeping na 138, que era de \$79. por mês. Ademais, economizamos a escola de Ann, que lá era particular (\$600. per year fora outros

extras) e aqui é escola pública, em ótimo building, gratuita. E ainda, o Estado não tem lei de income tax estadual... (Curioso o sistema de estados americanos, eh?). No Brasil, tudo o que se faz é só para dificultar mais o passo da gente. Sabe que levei todo um dia, das 9 às 5:30, para pôr o visto de “no income” no meu passaporte, no Rio? E bastariam os canhotos das passagens de avião para provar que eu tinha estado de um lugar para outro, e residindo no estrangeiro, não podia estar ganhando nada no país...Mas, o brasileiro é ali, estúpido como ele, atrapalhando tudo.... Por isso, não progredimos; o que temos é porque entra, anyhow! Quando vier fazer a exposição tem que me dar opção num quadrinho.....

Ann está sempre para responder a carta de Joyce, mas é ali, na preguiça! Mas vai escrever – a trote! Anita ainda está no México, sendo repintada pelo Rivera. Levará uma fortuna em quadros do “master”. Um nu, de que vi cópia a cores, num postal, é estupendo!  
Abraços e lembranças nossas--

A. Coelho

Consultada, a neta de Monteiro Lobato confirma: era, efetivamente amiga de Ann, filha de Arthur Coelho. No “cottage” cuja compra é tão detalhadamente relatada na carta, a filha de Anita Antunes – Dra. Jane E.Kraus – localizada através de informação do nunca assaz louvado em matéria de gentileza José Carlos Sebe Bom Meihy indo além, refere o parentesco entre os Lobato e os Antunes: Maria da Pureza de Castro Natividade, esposa de Monteiro Lobato, era sobrinha de Maria Ernestina Marcondes Natividade, a mãe de Anita Antunes.

Ou seja, Anita e Purezinha eram primas!

Todas essas são informações, tão pronta e generosamente fornecidas pela Dra. Jane Kraus conferem peso documental às sugestões da carta de Arthur Coelho, que trata Lobato com grande intimidade, menciona a permanência de Anita no México e sua relação com Diego Rivera, chancelando a hipótese de que seja esta mesma senhora a Anita presenteada com o livro Geografia de Dona Benta que, por suas mãos, teria ido para a biblioteca de Frida Khalo.<sup>19</sup>

A hipótese ganha outras perspectivas através de um pequeno texto jornalístico, também garimpada por Dr. Emerson Tin. Com a credibilidade de textos que citam datas, instituições e figuras conhecidas, a nota abaixo transcrita chancela de vez a relação de Anita Antunes e Diego de Rivera e, respondendo à questão *Quem foi Anita?* dá xeque mate ao enigma do livro encontrado na biblioteca mexicana:

**Rivera em Taubaté** - Durante 15 anos, uma coleção de 94 trabalhos de Rivera – 45 desenhos, 45 guaches e 4 óleos avaliados ao todo em mais de 50 mil cruzeiros novos – ficou encaixotada em Taubaté, Estado de São Paulo. O pintor Clóvis Graciano, que descobriu a coleção, conta sua história: havia sido dada de presente por Rivera a sua amiga brasileira Anita Antunes, que viveu muitos anos no México e nos Estados Unidos. De volta ao Brasil em 1.949, Anita fez exibir as obras no Museu de Arte Moderna de São Paulo, que então começava a funcionar. Mas ninguém deu muita atenção à mostra e nenhuma peça foi vendida. Anita mandou encaixotar os trabalhos e os guardou em Taubaté. Logo depois, veio a falecer. Em 1.964, juntando informações de várias fontes, Graciano pôde localizá-los. Foram na época expostos na Galeria Atrium de São Paulo". (Gênios da Pintura: Diego Rivera. São Paulo: Abril Cultural, 1.967, fascículo 20, página 06) <sup>20</sup>

### **Fim de uma história e começo de outra**

Estudos do feitio deste que aqui se apresenta não são comuns. Seus resultados dependem fortemente do acaso e talvez só sejam atingidos se se trabalhar em equipe. São, talvez por isso, bastante raros, porém – na mesma medida – gratificantes.

Muito gratificantes!

A partir do itinerário desta Geografia de Dona Benta, podemos acreditar que estudos com este recorte patrocinam, por exemplo, um melhor conhecimento das relações culturais entre Brasil e México, capítulo sem dúvida importante da história das relações letradas entre a cultura brasileira e a cultura hispânica de *nuestra America*.

Saber, por exemplo, o que se lia de livros brasileiros e de livros sobre o Brasil é já uma primeira fonte para se conhecer o que pensavam do Brasil nossos vizinhos de continente. Ou seja, a história que os livros contam, bem pode começar pela capa, quando não pelas estantes que os contêm e pelos catálogos que os registram.

Fortalecendo a hipótese de que é possível *ler* no catálogo de uma biblioteca ecos de interesses e de diálogos inter-culturais – é animador que se encontre no inventário dos livros da Biblioteca de Frida Khalo (cujos usuários – não nos esqueçamos – são figuras do porte dela mesma, mais Diego Rivera e talvez também Leon Trotsky...) – pelo menos mais quatro títulos relativos ao Brasil:

CÓDIGO	AUTOR	TÍTULO
2568	BASTOS, HUMBERTO	A MARCHA DO CAPITALISMO NO BRASIL
2123	CASAI, JOSÉ	UM TURISTA EM EL BRASIL
547	DE MENDOCA, RENATO	PEQUEÑA HISTORIA DE BRASIL
1121	MENDONCA, RENATO	A INFLUENCIA AFRICANA NO PORTUGUES DO BRASIL

Os títulos são sugestivos e recobrem variadas áreas de conhecimento: economia, turismo, história e lingüística.

Apenas uma consulta cuidadosa a tais livros irá um dia, traçar o itinerário pelo qual eles chegaram à bela *Casa Azul* que, na Rua Londres, abriga o Museu Frida Khalo. Ainda que tal pesquisa precise por enquanto ser adiada, já é possível sugerir algumas correções para a lista de livros fornecida pela instituição: *De Mendoca, Renato* (entrada 547 do inventário) e *Mendonça, Renato* (entrada 1121 do inventário) seriam a mesma pessoa?

Sim, são a mesma pessoa: trata-se de Renato de Mendonça que foi secretário da Embaixada brasileira no México e professor da UNAM e cuja bibliografia registra os títulos elencados no documento<sup>21</sup>.

Mas, enquanto se aguarda a possibilidade de uma consulta mais alentada ao acervo de Frida Khalo, estas mal traçadas que aqui se encerram parecem atestar a importância da história dos livros, que é uma história não apenas fascinante em si mesma.

No caso da história deste livro de Monteiro Lobato, ela é também porta de entrada para um conhecimento mais detalhado das relações culturais latino-americanas, naquilo que, desta relação, se inscreve nos livros.

E não apenas no que os livros “dizem”, isto é, em seu conteúdo. A história inscreve-se também na materialidade humilde de dedicatórias e marginalia, que constituem, num certo sentido, impressões digitais de seus leitores, figuras sempre meio apagadas das histórias todas.

Recebido para publicação em abril de 2009.

Aprovado para publicação em maio de 2009.

## Notas

- <sup>1</sup> Com o apoio e sob jurisdição do Banco de México, o Museu informa que seu acervo está sendo digitalizado e que, enquanto neste processo, indisponível para consulta. O acesso ao livro objeto deste artigo só foi possível graças ao Dr. Oscar Aguirre Carvajal, adido cultural do Consulado do México em São Paulo que, compreendendo o relevo da pesquisa, viabilizou o acesso ao livro e a quem a autora agradece.
- <sup>2</sup> Geografia de Dona Benta. Série I, vol. 22. Literatura Infantil. Biblioteca Pedagógica Brasileira. 2ª. Ed. revista. Ilustrações de J.U.Campos e Belmonte. Cia. Editora Nacional: São Paulo – Rio de Janeiro – Recife- Porto Alegre.
- <sup>3</sup> Sobre esta obra, consultar Cardoso, Rosimeire Darc. *Geografia de Dona Benta: o mundo visto pelos olhos da imaginação*. Apud Monteiro Lobato livro a livro ( obra infantil). São Paulo: Imesp–Editora UNESP. 2008 p. 289-302.
- <sup>4</sup> História do mundo para crianças (adaptado de Virgil M.Hillyer, 1933), Emília no país da gramática (série/coleção *Biblioteca Pedagógica Brasileira. Literatura Infantil*. Vol. 14. 1934), História das invenções (Adaptado de Hendrik Van Loon. série/coleção *Biblioteca Pedagógica Brasileira. Literatura Infantil*. Vol. 23; 1935), Aritmética da Emília (série/coleção *Biblioteca Pedagógica Brasileira. Literatura Infantil*. Vol. 21; 1935), O poço do visconde geologia para crianças (série/coleção *Biblioteca Pedagógica Brasileira. Literatura Infantil*. Vol. 271936), Serões de Dona Benta (ciências físicas e naturais ensinadas a seus netinhos ( 1937).
- <sup>5</sup> Trata-se de fichas intituladas “Movimento de edições” garimpadas pela Dra. Adriana Silene Vieira no arquivo da Companhia Editora Nacional (CEN). As fichas registram, para cada edição de cada obra da CEN, entre outros dados, tiragem, data de entrada na Tipografia, preço dos serviços tipográficos.
- <sup>6</sup> Hendrik K.Wuillen Van Loon (14.01.1882 – 11.03.1944) holandês de nascimento, em 1919 naturaliza-se norte-americano. Depois de um breve período como professor de história em Cornell University, Van Loon dedicou-se a escrever livros de divulgação científica, que também ilustrava e atualizava constantemente. Entre seus títulos, alguns parecem ter influenciado Monteiro Lobato: The history of Mankind, a history of the world specially for children (o livro ganhou em 1922 a Newberry Medal), Geography the story of the world we live in (Simon & Schuster, 1932) , The story of inventions : man, the miracle maker ( Horace Liveright, 1934) <http://authorsdirectory.com/biography online book portrait picture/v authors hendrik van loon biography.shtml> Consultado em 24.11.2008
- <sup>7</sup> Sobre esta obra, consultar Minchillo, Carlos Cortez. História das invenções: a “saga do peludo” ou as queixas de um pioneiro. Apud Monteiro Lobato livro a livro ( obra infantil). São Paulo: Imesp–Editora UNESP. 2008 p. 305-321.
- <sup>8</sup> Consultar Abreu, Tâmara Um Lobato educador: sob o prisma da fecundidade da obra infantil lobatiana. (Dissertação de Mestrado) 2004. Universidade Federal de Pernambuco.
- <sup>9</sup> Monteiro Lobato. História do mundo para crianças. Contada por Dona Benta. São Paulo: Editora Brasiliense. 4ª. ed. 1952 . Todas as citações vêm desta edição.
- <sup>10</sup> O livro se abre, creditando ao autor norte-americano seu conteúdo, antecipando uma estrutura narrativa que – ainda que não assumida de forma tão explícita como aqui – também subjaz a outros livros de Monteiro Lobato:

Dona Benta era uma senhora de muita leitura; além de ter uma biblioteca de várias centenas de volumes, ainda recebia, dum livreiro da capital, as novidades mais interessantes do momento.

Uma tarde o correio trouxe-lhe a Child's History of the World, de V.M.Hillyer, diretor da Calvert School, de Baltimore.

Dona Benta leu o livro com cara de quem estava gostando; depois folheou e releu vários volumes de sua biblioteca que tratavam de assuntos semelhantes e disse consigo: “Bela idéia! A história do mundo é um verdadeiro romance que pode muito bem ser contado às crianças. Meninos assim da idade de Pedrinho e Narizinho estou certa de que hão de gostar e aproveitar bastante.”

E, voltando-se para a criança:

-Olhem, vamos ter novidade amanhã. Uma história nova que eu vou contar, muito comprida...

-De urso que vira príncipe? quer saber a Emília ?

-Não. A história que vou contar é a história do mundo, ou universal, como muitos dizem. Fiquem todos avisados e estejam aqui às sete horas em ponto (op. Cit. p. 03 )

<sup>11</sup> cf. Cavaleiro, Edgar, *Monteiro Lobato: vida e obra*. Tomo 2. São Paulo: Editora Brasiliense. 3ª. Ed., 1962, p. 233.

<sup>12</sup> Consultar Chiaradia, Katia Nelsina Pereira Ao amigo Frankie, do seu Lobato ( Dissertação de Mestrado) IEL,Unicamp (2008). O Poço do Visconde: o faz-de-conta que virou de verdade. Apud Monteiro Lobato livro a livro (obra infantil). São Paulo: Imesp–Editora UNESP. 2008 p. 355-369.

<sup>13</sup> Sob o código 399, a Lobatiana do Centro de Documentação Alexandre Eulálio (CEDAE) do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da UNICAMP tem o volume Geografia para niños. Ed. Losada. 4ª. Ed. tradução de M.J.Sosa 1953 (cf. <http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/lobatiana.htm> )

<sup>14</sup> Cf. Bosi, A História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix. 1971, p. 242.

<sup>15</sup> Cf. Bosi, A op.cit p. 375.

<sup>16</sup> Conferir Tadeu Chiarelli - Um Jeca nos Vemissages. (São Paulo: Editora: EDUSP, 1995) onde o professor e crítico de arte discute as posições estéticas de Monteiro Lobato e o contexto da pintura paulista que lhe foi contemporâneo.

<sup>17</sup> cf. Bignotto, Cilza. C. Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925) 2007 (Tese de Doutorado, IEL, UNICAMP).

<sup>18</sup> Cf. Tin, Emerson Em busca do "Lobato das cartas": a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários, 2007. (Tese de Doutorado, IEL, UNICAMP)

<sup>19</sup> Sobre a correspondência de Monteiro Lobato e Arthur Coelho, conferir artigo de Emerson Tin “Que nunca te falem couves suculentas e fresquinhas”: Cartas de Monteiro Lobato a Artur Coelho em : <http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/Emerson01.pdf>

<sup>20</sup> <http://www.digestivocultural.com/blog/post.asp?codigo=252>. Consultado em 23.11.2008.

- <sup>21</sup> Pequena historia Del Brasil. México. Secr. De Educación Pública. 1944; História da política exterior do Brasil. México: Instituto Panamericano de Geografia e História. 1945; A influência africana do português do Brasil. São Paulo: Cia Editora Nacional. 2ª. Ed. 1935; Brasil Cultural: Revista da Biblioteca Gonçalves Dias. (Renato de Mendonça, diretor e editor) – Porto: 1945